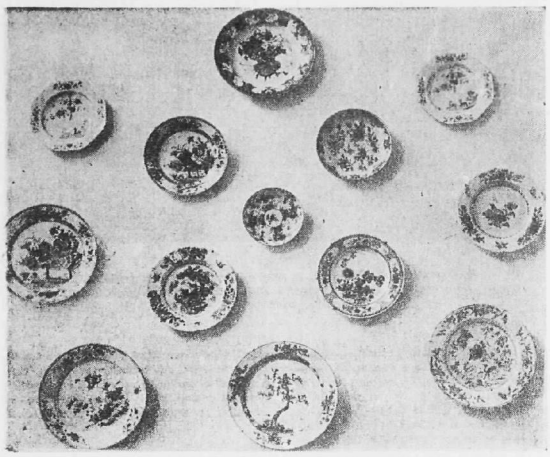
MUSEU CARLOS COSTA PINTO



Conjunto de medalhões de porcelana chinesa do século XVIII na sua maioria pertencente a "família Rosa". (Museu Costa Pinto)

A. C.

Desde a sua abertura, em novembro do ano passado, que o Museu Carlos Costa Pinto tem despertado o máximo de interêsse em todos os que *o têm visitado.*

Já se contam por milhares as pessoas que o percorreram, e a tôdas elas impressionou profundamente: a especialistas de relêvo mundial, como o Professor Robert Smith, a pessoas de cultura e sensibilidade, a turistas despreocupados, a estudantes ávidos de interêsse, a gentes de todo o Mundo que por aqui passam, a museólogos de exigente parecer, a embaixadas de ilustre comitiva, a gente simples que gosta de ver e admirar, simplesmente. A nobreza elegante das linhas arquitetônicas do prédio onde está instalado, já é um suborno. E a sua arrumação, propositadamente leve e espaçada, a mistura discreta dos vários tipos de objetos expostos, o cuidado da harmonia entre as côres fundamentais, as formas e os tamanhos, especialmente dos móveis, a graça e a leveza dos seus lustres de cristal, compõem os ambientes com insuperável classe, pouco vulgar em casas dêste gênero. Só isto já é uma lição da rara arte do bom gôsto e pode servir de exemplo para muitos que acreditam haver necessidade de mostrar demais, para impressionar... Parece que quem "pensou" êste Museu — e ao que se sabe, êste é um dos poucos Museus "pensados" que existem — teve o cuidado de criar a ilusão *de que cada peça exposta é a mais importante* de tôdas e só nesse ambiente é que poderá ser devidamente admirada, tal a sensação prevista num isolamento realçante. Examina-cada objeto é obra para muito tempo, pois o padrão de qualidade é bastante igual. Mas há que destacar, evidentemente algumas peças.

Entre as pratas, conjunto único na museologia nacional, dos mais seleciona dos representativos das melhores épocas portuguêsas e brasileiras,há muito que destacar e mais que estudar ainda. Mas não se pode deixar de ressaltar um cálice de prata batida, completamente lisa, duma pureza de linhas extraordinária, verdadeira joia de arte baiana, possivelmente dos fins do século XVII. A sobriedade do seu desenho e as justíssimas proporções dos seus elementos de composição de volume, colocam esta peça entre as mais importantes e belas de tôda a nobre arte da prata em todos os tempos. Sensação doutro porte se recebe ao ver o conjunto dos seis tocheiros que também se encontram na mesma sala dedicado à "Prataria Sacra". Sua data de fabrico intercala-se entre os anos que medeiam o século XVIII. São do mais elegante D. João V, mas, por infelicidade, não têm qualquer marca identificadora.

Encomendados por qualquer irmandade de então, e marcados com a punção de Lisboa de 1750-1770, duma elegância invulgar e dum valor inestimável, dois castiçais de banqueta que merecem destaque.

E se desviarmos nossa atenção para os móveis, deparamo-nos logo no hall de entrada, com uma arca monumental, obra do século XVII, peça rara no mobiliário brasileiro, marco milíiário na sua genealogia, de impressionante beleza pela sua clássica sobriedade. Outras igualmente impressionantes, como outros móveis de registro especial, estão esparsas pela casa, marcando suas épocas e evocando nossa história, com uma presença de fidalga dignidade.

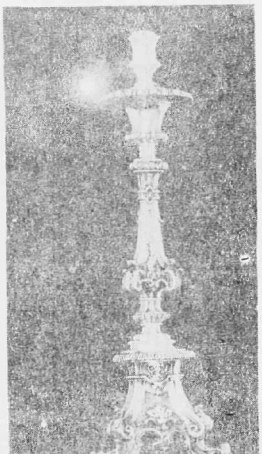
As joias — essas podiam ser recheio doutro museu, de tão importantes e ricas. Não há nenhuma mulher que não se imagine, usando-as. Seu poder evocativo é mágico, há encantamento, há mistério, nelas ficou um pouco da graça feminina de quem as usou, de quem as amou, de quem talvez as tenha perdido. Haverá alguma coisa em que o amor tenha deixado mais forte a sua marca?

Mas, há também as porcelanas da Companhia das Indias, seus medalhões, seus serviços para uso de D. João, Príncipe Regente, com os raríssimos exemplares dos Pavões e dos Galos. Os cristais de Baccarat, de insuperável beleza e alegria, a preciosa coleção de quadros de Presciliano Silva, Alberto Valença e de Mendonça Filho, três mestres da pintura acadêmica, e tantas coisas belas de maior importância no panorama das artes de tôda *a América Latina que dão hoje a êste museu* uma posição que muito honra a Bahia, que, pelo muito que fez, bem o merece, afinal.

O que parece porém, é que a grande maioria dos baianos ainda não se deu conta disso e pensa que êle só interessa a quem nos visita. Mas devemos divulgar o que é nosso e abrir horizontes de cultura sempre que pudermos. Visitar museus como êste, além de útil, é agradável, o que é hoje uma conjugação muito rara.

Aquela casa está impregnada de Bahia, no que ela teve e tem de melhor e mais puro. Gerações sucessivas trabalharam para deixar nela a marca do seu gênio artístico, e ontem, como hoje a grandeza dos Deuses abençoou seus artistas, criadores de beleza, mestres de sonho, donos da graça e senhores dum mundo que ninguém pode esquecer sem gratidão. Sejamos gratos, no menos.

Cálice de prata batida.Bahia (?). fim do século XVII. (Museu Costa Pinto)



Castiçal de banqueta. Tem função de Lisboa do século XVIII (Museu Costa Pinto)

LETRAS PORTUGUÊSAS

UMA BREVE NOTA

Natércia Freire

Descobrir o que não está num texto; exaltar as próprias intuições e deduções; utilizar as obsessivas idéias que permanentemente perfilha ou refuta, tudo isso é possível ao leitor a quem seja oferecida uma leitura de obscura exposição e de confusos pensamentos. O barroquismo de uma prosa onde a palavra se seiumila a esmo como os objetos de um bricabraque de mau gôsto vai fazendo carreira no mundo. Sôbre essa espécie de produções se podem tecer os mais espantosos monumentos, — tenha, o crítico, generoso espírito criador...

Da clareza de um estilo e de um pensamento que pode, até, na sugestão de um mundo invisível, tornar fácil a fluídica ligação, a magnética correspondência entre a vida que somos e as vidas que nos cercam, mais difícil se torna objetivar os elementos dessa estrutura, pois se pedirá precisão, exatidão, cristalinidade para os definir. E o leitor será possuído pela essência da vida com todos os mistérios que se habituou a considerar naturais dentro de uma atmosfera de simplicidade e certezas onde o homem vive seguro em sua mesma insegurança, completo na fatalidade de sua onisciência, de que só por percepção está ciente...

Na carreira de um escritor como Domingos Monteiro, *A Vinha da Maldição* é a continuidade de um tempo e de um modo de crer e de criar. Nestes as pressões são criaturas a quem o seu criador — Autor — não atira o insulto de catalogar por classes sociais. Em cada ser humano se totaliza a qualidade da alma, que pode ser melhor ou pior, consoante vive sob o domínio do Bem ou do Mal e no qual o inconsciente está sempre presente num verdadeiro estado de vigília.

Referindo-se a Eça e a Machado de Assis, no prefácio do livro de Machado da Rosa, *Eça, Discípulo de Machado*, Agostinho da Silva escreve: *A tragédia dos Gregos se consubstanciou nelas em literatura; a dos peninsulares se fêz vida.*

E essa linha do sentido da tragédia, é essa *dimensão ibérica* que neste autor de *Histórias Castelhanas* jamais cessou de fluir — mesmo quando aparentemente a história decorre sem tragédia. Nenhuma vida, ainda que haja o amor a aproximar as criaturas, deixa de manejar a sua máscara, de tôdos os complexos — que ocultam entre a luz e a treva, entre o admissível e o terrífico.

A Matadora é exemplo flagrante dessa tragédia que, cruamente se fêz vida, ou melhor: dessa vida, ou melhor: dessa vida que a cruzes dos homens conduz maquiavèlicamente para a tragédia.

A Vinha da Maldição, em que a moeda corrente é "no caminho da tumba", recusado, negado por quem tinha nas mãos o preço do seu valor, é, com *A Doença*, *A Morte de Diana*, *a Caçadora* e *O Instinto e a Vida*, a perfeita expressão de uma literatura pejada de inesgotáveis realidades — realidades que advertem o homem de que como no livro de José Régio, *há mais mundos*.

THALES DE AZEVEDO — ROMANCISTA

Antônio Loureiro de Souza

Sim, senhores. O ilustre Professor Thales de Azevedo, ensaista dos mais sérios, antropologista e, já uma vez, revelado poeta com um poema sôbre os encantos de Portugal, vai escrever um romance. A propósito, falou-nos o autor de "Povoamento da Cidade do Salvador", obra várias vêzes premiada, que pretende elaborar uma estória calcada em fatos e observações verificados durante o tempo em que viveu, como médico clínico, lá pelos idos de 29 a 32, na cidade de Castro Alves, antigo Curralinho, onde o vate imortal viveu vários períodos de sua agitada e trepidante existência. Durante cêrca de quatro anos o então médico clínico Thales de Azevedo, que ali chegara, recém-formado, para substituir a outro colega, o doutor Antônio Passos Teixeira, já famoso em tôda a região e que vinha para esta Capital ser assistente do Professor Aristides Novis, na Faculdade de Medicina, manteve contato permanente com a população, já por fôrça da sua profissão, já pela lhaneza de trato que foi sempre uma das características do atual presidente da Academia de Letras da Bahia. Observador revelando o critérioso pesquisador e estudioso que seria mais tarde no campo das ciências sociais já escreveu nos jornais locais. Fatos, ocorrências, acontecimentos os mais vários não lhe passaram despercebidos. O período décimo com o povo, os usos e costumes da terra lhes curiosos, as fatalidades folclóricas e religiosas, tudo seria anotado por Asse, espírito curioso, dado de indagações que lhe seriam mais tarde úteis para os seus trabalhos de história de sociologia e de antropologia. Chegou, mesmo, de uma feita a ter um livro de versos a êle dedicado. O caso foi que Publio Barros, irmão do malogrado, esquecido e grande poeta da terra, Pedro Barros (Pedro Augusto Pereira de Barros) falecido em 1936, resolveu reunir em livro a obra dos o título de "Secreto d'Alma" parte da produção esparsa do poeta. Êsse livro foi dedicado a Thales de Azevedo, tanta a admiração de Publio pelo jovem médico. Vê-se por aí que se estabelecera perfeitamente entre os habitantes da cidade a mais ainda conquistara não só a confiança como a amizade de todos.

Durante os quatro anos em que ali permaneceu, Thales conheceu episódios e tipos curiosos. Por exemplo o famoso Bento, pistoleiro temível temido por todos, que uma noite desafiou a polícia local, com ela mantendo cerrado tiroteio ferindo e aleijando para sempre o então delegado Eugênio Nunes. Outro pistoleiro famoso Antônio Baldismo que deu umas cacetadas no jovem Delegado Regional Bacharel Juvenal Alves Ramos, que terminou sendo cruelmente assassinado tempos depois num dos distritos da cidade Santo Antônio do Argoim por um grupo de sicários. O caso da morte em praça pública nos elementos da família Barbosa numa noite de carnaval do tabelião Otacílio Figueiredo. Conheceu também figuras simplesmente amáveis como a do Dr. Rafael José Tambeiro, médico e político, considerado, com razão, um ídolo pelos castroalvenses. O Padre João Pedreira de Castro Furtar, ainda vivo, nos seus oitenta e tantos anos, amado por todos. Teófilo Nascimento, prêto gordo e alegre, prático de farmácia, cujo estabelecimento comercial ficava ao lado do consultório de Thales.

Teófilo, folgazão e festeiro, realizava feijoadas homéricas, convidando gente famosa da cidade e de fora. Vinham os advogados Durval Pereira Fraga, desta Capital, Luis Rebouças Soares, de São Félix e outros mais. O jovem Promotor Público Ivan Americano da Costa, então com 22 anos, encantando e embasbacando mesmo com os arroubos da sua eloqüência e a ternura da sua poesia. Adão Santos Silva, diretor do Semanário "O Globo" onde saía, em todos os números, um artigo de Waldick Moura. O professor Felipe Tomás de Matos, terror dos alunos pela severidade mas que, aos domingos, se encharcava de alcool, alegre e brincalhão. O também professor Vicente Lima, ainda vivo, mestre de várias gerações. Outro mestre: Agnelo Lopes de Carvalho. Professor, provisionado e jornalista, diretor do hebdomadário. "O castroalvense". Aos domingos, na missa, Agnelo vestia fraque cinza e cartola. Alto e gordo, fazia uma figura estranha. Alberto Melo, com quase dois metros de altura e mais de 120 quilos. Era advogado provisionado e político. O doutor Oscar Mesquita, Juiz de Direito, homem de talento, orador fluente, que em seus discursos contava sempre, fábulas de Fedro, de Esopo ou de La Fontaine. Além de tudo isso das figuras importantes de Antônio Adalio Torres, amável sempre, para com todos. Antônio Soares, Antônio Moura da figura admirável de D. Inaia, a solteirona incansável da Matriz, de D. Flaviana, professôra famosa de várias gerações, que todos os anos ia à Europa, além de tudo isso, as feiras famosas dos sábados, então uma das maiores da região. Os domingos da semana, o comércio quase parado. As festas religiosas, da Conceição e do Bonfim, com a Bomba-Meu-Boi, a Arcanjo Ribeirinha, motivos folclóricos dos mais antigos e curiosos, onde apareciam as figuras dos seus organizadores, os saudosos Sibilino e Paule Processo. As fitarmônicas Lira Popular e Bonfim. O velho "Patrício" que no dia em que completou 100 anos deu um passeio, a cavalo, pelas ruas da cidade, saudando como um jovem quinze. As festas de Tarzo, em memórias de Reilão. A luz elétrica, parecendo um fifó, de que era encarregado Adriano Silveira. Matinhos O cinema Odeon, de Regismo Brandão, onde passavam filmes de Tom Mix, Buster Keaton, Art Acord, mulheres Desmond, etc. Enfim, fatos coisas e tipos curiosos e inesquecíveis que somados, estudados, complexados por um espírito treinado com o de Thales, darão motivos de sobra para vários romances. Pois o professor Thales de Azevedo, ainda há dias, num encontro na residência do professor Elegy Gulmarães Guimarães, chamou-me a um canto e com a voz pode transparecia uma saudade quase falou-me: na sua idéia de fazer um romance sôbre o período em que viveu na cidade de Castro Alves. Pois a ótima idéia, está, com alguns informes [illegible] material. Como Latino Coelho, não precisará, com [illegible] de [illegible] Rio fora, suficiente e o que mais é verdadeiro

Notícia de livraria e outras notícias

Com a publicação de excelente nota, excelentemente ilustrada, sôbre o Museu Costa Pinto, inicia hoje esta página uma colaboração que se deseja frequente. As iniciais que a encimam (A. C.) não conseguem esconder a autoria de Antônio Celestino, cuja inata sensibilidade, requintada no longo convívio e frequência das artes, (das boas letras inclusive), fizeram dêle não um crítico encartado, mas um fino e sutil entendedor, cuja opinião não pretende colimar a certeza de um julgamento dogmático, mas é quase sempre sugestão orientadora e válida. **Salvador — 1970** — Desenhada (escala 1:10.000) por Jacy Franco e Márcia Freire, direitos autorais de "comatec", uma nova e atualíssima Planta do Salvador encontra-se à venda em tôdas as Livrarias e Bancas da Cidade. Mais do que uma urgente necessidade, era uma falta inexplicável. Salvador tem sido frequentemente transposta ao papel em riscos reveladores de sua topografia e arruados. Desde o mapa urbano quinhentista que já vem no "**Livro que dá Razão do Estado do Brasil**" (recentemente e sàbiamente recéitado) até os motivos levantamentos aérofotogramétricos levados a efeito pela Cruzeiro do Sul, passando pelas plantas holandesas da conquista frustrada e consequentes réplicas do "bom sucesso das armas portuguêsas "reconquistadoras, que Antônio Vieira impreceu e eternizou, pelos trabalhos prévios à localização das fortificações defensoras, das realizações estas caràcteristicamente científicas de Weil, ou mais tarde de Teodoro Sampaio e Américo Simas, a soterópoles acropolitana e ainda medieval dos primeiros Governadores Gerais, depois ampliada nos seis bairros já descritos por Vilhena, tem uma história gráfica do mais alto valor.

Prelúdio coral e fuga

Conto de CARLINDO LEITE

Você e sua mulher estão sentados ao pé de uma grande árvore nua. Galhos secos, como braços esqueléticos erguidos para o céu. Você e Clara estão sentados na grama bagaçenta, olhando-se, conversando numa linguagem silenciosa. Por que estão ali? Você não sabe. Sabe apenas que namoram de maneira platônica, pueril, num idílio tímido e ridículo, considerando-se que são casados. Tudo se lhe afigura realmente estranho. O local devastado por uma sêca impiedosa, sol ainda presente, causticando gente e animais, rachando a terra, secando rios, matando gado; um céu amarelo, inundando de luz e calor todo o vale: uma tristeza singularmente enlevada e uma letargia corporal, incômoda. Tudo diferente! Você se sente um estranho junto a uma estranha mulher, que é sua espôsa!

A interrogação persiste; o que vocês fazem ali? Por que estão e como foram esbarrar ali? Clara parece feliz naquele idílio monótono, pois sorrilhe com meiguice, mas não há vento para esvoaçar seus cabelos, como você gosta; as madeixas pousam pesadas sôbre os ombros de Clara. E vocês estão mudos, olhando-se sorrindo-se, poèticamente, apesar de não haver poesia local. Gestos são temidos As mãos... por um momento você deseja pegar as mãos de Clara, deslizando as suas por entre e capim sêco, lentamente, porém, de repente, elas paralisam-se. Uma fôrça sobrenatural frustra seus movimentos. Timidez? Não pode ser! É inconcebível haver timidez entre marido e mulher! Você não sabe o que poderá ser.

E assim ficam em silêncio, até que você ouve um murmúrio de vozes que se aproximam.

As vozes aumentam de maneira assustadora, como se o povo viesse correndo em sua direção, como se fôsse ficando cada vez mais perto. São vozes de crianças, homens, mulheres. Você sente mêdo, ao compreender que precisa fugir, correr. Levanta-se. Divisa mêdo e espanto no rosto de sua mulher. A chusma terrível avança em sua direção; homens, mulheres, crianças, velhos, vestidos de farrapos, chapeus de palha, armados de pedaços de ferro, machado, foucea, pás, picaretas, pedaços de pau. Todos gritam: "Assassinos! Morte aos assassinos!" Crianças jogam-lhe pedras. Você segura os braços de sua espôsa, firmemente. Ela olha-o, implorando sua proteção.

— Que vamos fazer?

— Fugir. É o jeito.

Vocês iniciam uma desesperada fuga, enquanto o povo lança-se com mais vigor no seu encalço. Tôda aquela gente quer matá-los. Você não pode permiti-lo, como não poderá enfrentá-los sòzinho. É inútil bancar o valentão! Clara aperta sua mão, com fôrça, e continua correndo, ágil. Vocês fogem, alucinados: o mato passando, cheio de espinhos, sangrando os pés, as pernas de Clara, rasgando seu vestido: os sabelos esvoaçam, assanham-se; e desespêro terrificante apossa-se de você quando vê as pernas de sua espôsa arranhadas, suja de sangue e o povo em seu encalço. Por quê? Por quê? Você pensa que não há motivos justificáveis para essa perseguição! Mas o povo quer linchá-los, massacrá-los! Por quê? Vocês terão que correr até não mais aguentarem, até lhes faltarem fôrças. Entram pelas caatingas, selva espêssa e de esqueletos vegetais, floresta de árvores ressequidas; esqueletos de gado e de gente caídos pelo caminho; urubus sobrevoando. O vale adusto famintos, ainda, Clara grita: "Espere!" Você pára. Ela cai em seus ombros; está ofegante, exausta.

— Que foi, querida?

— Torci o pé.

Tenta aliviar-lhe a dor, fazendo-lhe massagens rápidas e inúteis no pé torcido. Sua mulher geme de dor. O povo aproxima-se, cada vez mais. Ainda há espinhos cravados nas pernas de Clara; você arranca-os e o sangue escorre, perna abaixo. Então você revolta-se contra todo aquêle povo e tenta ser valente, indo de encontro à sanguinária turba. Dois homens adiantam-se da multidão e, simultâneamente, jogam-lhe seus machados; um passa-lhe de raspão pelo ombro direito; outro crava-se-lhe no braço esquerdo. Você o sente bater-se contra o ôsso, porém... Estranho! Nenhuma dor! Livra-se do machado, atirando-o contra um dos seus atacantes e a lâmina crava-se-lhe na testa; êle cai. Você curva-se e carrega sua mulher, reiniciando a fuga: o resto da multidão, agora mais sequiosa de vingança, muito mais sangrenta, uma vingança aparentemente injusta, sem sentido; uma vingança cujo motivo você ignora.

Tenta coordenar as idéias buscando no cérebro o motivo e não o encontra; as vozes estão cada vez mais perto e cada vez mais coléricas explodem-lhe no cérebro: "Assassinos! Linchá! Linchá!" Você não sabe o motivo daquele ódio coletivo. Teria cometido algum crime? Não sabe. O mais importante, no momento, é fugir, fugir sempre, correr.

Por um momento, volta-se para a multidão e começa a identificar os perseguidores. Vê, entre êles, o Coronel Pereira e seus capatazes e magarefes com respectivas mulheres e filhos; Oscar e dono da mercearia; doutor Contreiras, o Juiz; Viloisaldo, o coletor; todos vestidos de trapos, armados para matá-lo, você e sua mulher. Por quê? Você emprestou-lhes dinheiro e agora êles querem matá-lo! Por quê? Verdade que todos ficaram na miséria, porque não puderam pagar o empréstimo e você lamoti-lhes as casas, e você jogou-os na miséria. Negócio é negócio, você pensa. Quem não pode pagar não toma dinheiro emprestado. Você jogou-os na miséria, sem piedade e sem encontrar motivo para apiedar-se. Agora todos aqueles a quem você cobrou seu dinheiro, violentamente, querem massacrá-lo.

De repente, você começa a ouvir, ao longe, uma bela melodia sacra, vinda não sabe de onde. Começa a reza: pedindo a Deus que lhe dê fôrças para fugir. Ergue o olhar para a abóbada celeste e vê dezenas de lindos anjos dourados, cantando um magnífico "Te Deum". Miragem ou alucinação? Não sabe. Não sabe, não compreende nada. Depois, tudo desaparece: do céu: o coral terrestre, coral da morte, supera o coral divino.

Vocês voltam a correr, dessa vez com mais velocidade como se um milagre se operasse em seus físicos. Surge no meio das caatingas, uma clareira imensa um campo bagaçento sob o sol cada vez mais tórrido. No céu, não mais os anjos. Clara gemeu seus braços com as dôres dos arranhões e do pé torcido: vestido em trangalhos sangue coagulado mancha suas pernas, seus braços. Você tem um braço ferido dormente, entorpecido: o talho aberto, a carne exposta; braço vermelho de sangue. Clara está com a cabeça pendida em seu ombro; rosto sujo, arranhado, lábios ressequidos, talhados. E as vozes, vozes cada vez mais perto". Morte! Morte aos assassinos! Você sente-se cansado; convulsões no estômago, cabeça latejando. Tenta levantar-se com a mulher nos braços, mas não consegue. Cai de joelhos, grita por socorro, alucinado, pulmões quase estourando, garganta em fogo. "Socorro! Socorro"! Mas a voz some-se, lá dentro. Você esforça-se mais uma vez. Nada. Não consegue ouvir seus próprios gritos! E o povo avança cada vez está mais perto, mais perto. Então você raciocina rápido. "Se êles querem matar-me e a minha mulher, que matem a mim!" E envolve o pescoço delicado de Clara nas mãos, estrangulando-a. Nesse momento, alguém bate com violência em seu ombro. Você volta-se e vê, em pé, a sua frente um homem corpulento monstruoso, que levanta a picareta e, gargalhando, com sarcasmo, agride-o. Quando o instrumento bate em sua cabeça, você ACORDA. Que alívio!

Ainda bem que tudo não passou de um sonho terrível! Sua primeira iniciativa é procurar a mulher. Clara dorme tranquilamente a seu lado. Você passa o resto da noite acordado, procurando o significado do sonho, até que a suave claridade da alvorada vem anunciar-lhe nôvo dia.

LITERATURA & ARTE

Responsabilidade de HÉLIO SIMÕES